

TRÊS LIÇÕES DE UM CREPÚSCULO

Publicado na revista *Visão*, edição de 12 de Abril de 2007

ESCREVO ESCASSAS horas após o despacho provisório do ministro Mariano Gago, que aponta para o “encerramento compulsivo” da Universidade Independente (UnI). Os próximos dias darão certamente azo ainda a muita espuma emocional, mas julgo ser possível extrair, desde logo, três lições, cuja densidade nos convida a reflectir maduramente.

DESDE QUE a crise na UnI se tornou evidente, em 26 de Fevereiro, através das cenas de uma encarniçada “luta pelo poder”, em que no campo de batalha se confundiam as trincheiras da “entidade instituidora” com os órgãos científicos e académicos propriamente ditos da UnI, foi impossível não sentir aqui a presença de uma espécie de entusiasmo suicida, uma pulsão de morte, para nos socorrermos do Freud mais profundo.

Em plena luz do dia, em sucessivos golpes de mão, os contendores diminuía, com uma indiferença patética pelos estudantes, pela reputação da instituição, e até pelos seus próprios interesses a longo prazo, as possibilidades de sobrevivência da Universidade. Em 1988, num célebre ensaio sobre *O Colapso de Sociedades Complexas*, Joseph Tainter usava a metáfora do “Comboio sem Travões” para definir um tipo de declínio caracterizado pela obstinada e cega incapacidade de mudar a agulha de um rumo destinado à colisão. Os acontecimentos da UnI evidenciam como as instituições podem escolher o abismo, carregando no acelerador, em vez de sustar a marcha para mudar de rumo.

A MISTURA do caos empresarial e pedagógico da UnI com a questão da bondade das qualificações académicas do Primeiro-Ministro, mostra bem como a realidade consegue, por vezes, ultrapassar os “talentos” de um argumentista de filmes de quinta categoria. Só se pode esperar que a anunciada quebra de um silêncio, tornado insuportável, por parte do chefe do governo contribua para separar o que tem de ser separado. Contudo, essa mistura é um sinal de algo mais vasto e profundo: o estigma de promiscuidade que acompanhou a vaga de nascimentos de instituições privadas de ensino superior, a partir da década de 1980.

A essência da promiscuidade é, exactamente, a falta de distinção entre o que deve ser separado. Num país, onde a partir de um certo nível todos se conhecem, a construção de espaços de separação torna-se uma questão de higiene pública, além de critério para o bom funcionamento democrático. As leis e as instituições servem precisamente para mediar com isenção as relações entre pessoas, diferenciando entre as esferas estatal e privada, entre o trabalho e os afectos. Uma escola em que a simplificação administrativa vai ao ponto de dispensar “livros de termos”, não está a vencer a burocracia, mas a criar condições para a arbitrariedade e a suspeita de favoritismo, que é uma das faces da promiscuidade.

ESTE TRISTE episódio merece, ainda, que o ponderemos à luz da crise hodierna mais vasta da Universidade. Mesmo sem casos de polícia, a ideia de Universidade está hoje numa encruzilhada. De um lado, as pressões para aprofundar o que Ortega y Gasset denominava como “barbárie da especialização técnica”, agora justificada pela necessidade de aproximar as escolas das empresas, sem que se perceba a linha divisória. Do outro, a necessidade de salvar a alma de uma instituição que se confunde com o melhor da história europeia. Uma Universidade capaz de ler sinais de futuro, capaz de alertar para perigos iminentes, com uma autoridade baseada no esforço, na independência e na temperança dos que nela trabalham. Uma autoridade cujo valor não se esgota na esfera das transacções.

Viriato Soromenho-Marques